

3 - Os princípios gerais subjacentes aos dados analisados

Pontes (1983)¹¹ relembra-nos que "a tarefa do linguísta, como de todo cientista, é buscar as generalizações que estão por trás de fatos aparentemente desconexos" e cita Nagel em apoio às suas palavras:¹²

Explicar, establecer cierta relación de dependencia entre proposiciones aparentemente desvinculadas, poner de manifiesto sistemáticamente conexiones entre temas de información variados: tales son las características distintivas de la investigación científica.

Partindo desse pressuposto, nesta seção vou procurar explicitar os princípios gerais que governam as diferenças entre as estruturas com posvérbio e aquelas sem esse elemento. Nesse sentido, será oportuno sintetizar alguns fatos que se mostraram recorrentes na análise anteriormente apresentada.

Um primeiro ponto a ser destacado refere-se à interpretação, comum à maioria das sentenças com posvérbio, de que o foco de atenção, nesses exemplos, passa a ser a ação verbal em si, iluminada num primeiro plano, ao passo que os argumentos do verbo (sujeito e complemento) ficam na sombra, num segundo plano.

Conforme mencionado na seção precedente, observações como essa sugerem-nos que se dá um processo de intransitivização das estruturas de (b), portando preposição, em confronto com as de (a). Explico: retomando os pressupostos de Hopper e Thompson, nos quais me baseio neste ensaio, numa oração transitiva canônica a

ação verbal "passa" de um agente típico a um paciente típico, representado por um ser bem individuado e totalmente afetado pela ação. Portanto os argumentos do verbo têm um papel de relevo nesse processo, uma vez que se procura salientar essa "transferência" da ação de um participante a outro.

Já nas estruturas com posvêrbio, parece que tal elemento contribui para dar um "corpo fonológico" maior ao verbo, de modo que o maior volume da forma acarreta o efeito de sentido mencionado: uma concentração do interesse no processo verbal em detrimento dos participantes.¹³

Ora, adaptando-se o conceito tradicional de que verbos intransitivos são aqueles "*que podem conter em si toda a significação do predicado sem acréscimo de objeto*"¹⁴ ao modelo teórico aqui seguido, pode-se afirmar que as sentenças de (b), com posvêrbio, ao contrário das de (a), aproximam-se, numa escala de transitividade, das orações intransitivas, uma vez que a atenção se volta mais para o evento que para os participantes.

Além disso, esse "jogo" de iluminação/obscurecimento de elementos, que ora coloca em foco o verbo ora seus argumentos (respectivamente orações com e sem posvêrbio), ilustra também a atuação de um princípio de natureza metonímica na constituição sintático-semântica do português.

Num trabalho anterior, já tive a oportunidade de desenvolver essa idéia a propósito de um outro tipo de construção vigente em nossa língua.¹⁵ Portanto, tendo em vista os objetivos deste texto, será suficiente recordar que, para Lakoff e Johnson (1980), metonímia e metáfora são princípios gerais (e, provavelmente, universais) que se manifestam na linguagem, mas como um reflexo da função que exercem na própria configuração de nosso sistema conceptual. Desse modo, para esses lin

güistas, mais que "figuras de linguagem", trata-se de processos de natureza cognitiva, que se fazem presentes na maneira como apreendemos o mundo e como agimos no nosso dia-a-dia.

Ora, considerando-se com Lakoff e Johnson, dentre outros, que o processo metonímico se dá no eixo sintagmático e, conforme Ramos (1984), que se trata de um processo de deslocamento, que "*valoriza um ponto de vista*" com conseqüente "*obscurcimento de outros*"¹⁶, comprova-se que o descentramento do foco de interesse dos participantes para a ação verbal, acima referido, é resultado da atuação de um princípio metonímico na organização sintático-semântica do português.

Um outro fato comum a grande parte dos dados analisados diz respeito ao menor ou maior grau de afetação do objeto pelo processo verbal, conforme esse objeto venha ou não introduzido pela preposição. Paralelamente a esse aspecto, observa-se um envolvimento mais direto, um comprometimento maior do sujeito nos eventos relatados sem a presença do posvérbio em comparação com aquelas orações em que este elemento aparece.

Portanto podem-se estabelecer, para a maioria dos exemplos examinados, correlações da seguinte maneira:

Estruturas com "objeto direto"¹⁷

objeto totalmente afetado

complemento paciente

exatidão/precisão com referência ao objetivo/meta atingido/a

certeza, controle, manejo por parte do agente

Estruturas com posvérbio

partitivo: objeto parcialmente afetado

complemento locativo ou instrumento ou companhia

imprecisão/alvo indiretamente atingido

menos controle do sujeito, probabilidade/dúvida

sujeito [+ volitivo], sujeito mais neutro ou mes-
 mais diretamente envol- mo [- volitivo]
 vido no processo

Atentando-se, pois, para as características acima resumidas, chega-se à conclusão de que, também sob este prisma, as orações com posvérbio afastam-se das transitivas canônicas, principalmente no que concerne aos traços do complemento verbal, devendo ser alocadas, numa escala de transitividade, em posições diferentes das daquelas estruturas.

Givón (1984), que também considera a transitividade como uma questão de grau, estabelece uma hierarquia entre os argumentos do verbo, conforme as características que tenham ou deixem de ter.¹⁸ Desse modo, aventa a possibilidade de certos participantes serem promovidos ao "status" de "objeto direto", o que significa, para esse autor, uma mudança na perspectiva sob a qual o evento é apresentado. Diz ele textualmente:¹⁹

Promover um objeto ao status de "objeto direto" é, na verdade, uma mudança de ponto de vista, tornando aquele objeto mais importante e, consequentemente, fazendo com que as mudanças por ele sofridas se tornem mais salientes — e portanto mais perceptíveis.

Por outro lado, lembra-nos que também o processo oposto ocorre na gramática da transitividade: o processo de demoção/rebaixamento do "status" de paciente.

Dentre as várias estratégias de demoção por ele citadas, pode-se incluir a inserção do posvérbio, uma vez que, conforme se viu, a presença dessa preposição acarreta uma alteração na perspectiva sob a qual o evento é apresentado.

Para ilustrar, lembrem-se as interpretações de locativo, instrumento ou partitivo atribuídas a muitos objetos precedidos de posvérbio. De acordo com o linguísta mencionado, essas "leituras", hierarquicamente, representam um processo de rebaixamento do "status" de objeto direto típico. Os pares de orações que repito abaixo exemplificam, respectivamente, cada uma dessas possibilidades de interpretação, conforme assinalado na seção anterior:

(1) (a) Maria pisou a grama.

(b) Maria pisou na grama.

(11) (a) Atirei os livros no chão.

(b) Atirei com os livros no chão.

(15) (a) Eu sou mais velho que você e sei todas essas malandragens daqui.

(b) Eu sou mais velho que você e sei de todas essas malandragens daqui.

Por conseguinte, com base em Givón, pode-se depreender mais uma generalização a respeito das sentenças com posvérbio: essas orações ilustram a aplicação de uma estratégia de demoção do "status" de objeto direto, o que significa a opção por apresentar o evento sob uma ótica diferente.

A conclusão acima coaduna-se, ainda, com a posição de Possenti (1988), apresentada na seção 2. Conforme acabamos de ver, os pares de sentenças analisados neste artigo fornecem evidência empírica a favor, principalmente, dos seguintes aspectos por ele mencionados e que retomo aqui:

(...) o falante (...) escolhe, entre os recursos alternativos que o trabalho linguístico de outros falantes e o seu próprio, até o momento, lhe põem

à disposição, aqueles que lhe parecem os mais adequados.²⁰

Em favor, ainda, das considerações acima, apresento um texto publicado num jornal de 21 de junho de 1990, em que o escritor "joga" com o verbo acertar nos dois contextos estudados: com e sem posvérbio. Observe-se:²¹

Quinta-feira, 21 do junho de 1990

Collor dá um só tiro e acerta no Gol

FORMOSA, GO — A bordo do carro de combate Osório, o presidente Fernando Collor acertou ontem a carcaça de um autorrel Gol, com um único e certeiro tiro, durante o exercício de tiro real realizado no Campo de Instrução do Exército, em Formosa, a 100 quilômetros de Brasília. O presidente operou também o lançador de foguetes Astros II e assistiu ao disparo de outros. O exercício custou US\$20 mil, Cr\$1,76 milhão, que corresponde a 455 salários mínimos.

"Vocês estão de parabéns por terem feito um dos melhores carros do mundo, em condições de competir de igual para igual, com os existentes nos países do primeiro mundo" — disse o presidente Fernando Collor a Ricardo Furlan e Katsuko Ueda, técnicos da Engesa, empresa fabricante dos equipamentos belicos, que o acompanharam durante o trajeto de quatro quilômetros, em que o presidente pilotou o carro de combate.

Os técnicos relataram que o presidente ficou impressionado com o Osório. Ricardo Furlan afirmou que o presidente Collor deu uma boa risada quando verificou que acertou o alvo, depois de apenas cinco minutos de instrução, "o que demonstra que ele é muito bom de mira e que o equipamento é de fácil manuseio".

Vou deixar de lado, aqui, o fato de que se explora, na manchete, o sentido literal de tiro e Gol, num contexto político propício à interpretação metafórica desses termos, uma vez que ainda estava presente na memória do povo a promessa de Collor de acabar com a inflação com um só "tiro". Para o que nos interessa mais de perto, atente-se para o uso do posvérbio na frase — "Collor dá um só tiro e acerta no Gol" — em confronto com as duas sentenças que aparecem no texto: "(...) o presidente Fernando Collor acertou ontem a carcaça de um automóvel Gol" e "(...) Collor deu uma boa risada quando verificou que acertou o alvo depois de apenas cinco minutos de instrução."

Recordando as interpretações destacadas nos testes analisados, as frases em que o verbo acertar vem acompanhado de objeto direto sugerem "destreza" e "controle" por parte do agente e a "exatidão"/"precisão" com que se atinge o alvo desejado. Por outro lado, nas sentenças em que a preposição está presente, diluem-se as expectativas de "manejo", "destreza" e "precisão".

Verifica-se, pois, que o autor do texto acima "joga" com as duas construções, produzindo, assim, efeitos de sentido diferentes. A frase com posvérbio, na manchete, sugere que não era previsível que o presidente acertasse o alvo, uma vez que não se espera tal habilidade de um presidente. (Seria de se esperar de um militar, por exemplo).

Por outro lado, surpreendentemente, Collor demonstra um bom desempenho com a arma. Para relatar esse fato, o escritor opta pelas sentenças com objeto direto, uma vez que seu intento é (dentre outros) salientar a habilidade do presidente que, com poucas instruções, atingiu o alvo e, além disso, destacar o fácil manuseio da arma em questão.

Desse modo, com referência às estruturas em foco, fica mais uma vez ilustrado o fato de que o falante tem,

a seu dispor, meios de expressão diferentes e de que se pode escolher uma ou outra construção, dependendo dos efeitos de sentido que desejar produzir.

Por fim, atendendo ainda ao objetivo de explicitar os princípios gerais subjacentes aos dados focalizados, no que concerne à relação sintaxe/semântica, deve-se destacar que as orações analisadas fornecem, também, evidência empírica para o postulado da motivação icônica, defendido por Haiman (1983), além de outros estudos de tipologia lingüística.

Como se sabe, em seu artigo "Iconic and economic motivation", Haiman advoga a possibilidade de uma correspondência mais direta entre um aspecto formal e uma variedade de dimensões conceptuais. Trata-se do princípio universal da iconicidade, assim formulado: "*A distância entre expressões lingüísticas pode ser um índice iconicamente motivado da distância conceptual entre os termos ou eventos que elas denotam.*"²² Ou seja: de acordo com esse princípio, a maior ou menor proximidade das formas sintaticamente estruturadas numa oração pode indicar um maior ou menor efeito do significado de uma sobre o significado da outra.

Seguindo, portanto, as previsões desse postulado, é de se esperar que, dos complementos verbais examinados neste artigo, aqueles que se ligam diretamente ao verbo, sem a intercalação da preposição, semanticamente sejam mais "afetados" pelo significado do verbo que os outros introduzidos por posvêrbio.

Tal hipótese, de fato, é confirmada pela análise aqui efetuada. Conforme discutido anteriormente, os complementos precedidos do posvêrbio perdem, na maioria das vezes, a interpretação de pacientes típicos e passam a ser interpretados como locativo, partitivo, instrumento, etc. Dentre outras, as sentenças de (1), (11) e (15), reapresentadas nesta parte, exemplificam essa afirmação.

Com o objetivo, ainda, de ilustrar essa correspondência mais imediata entre forma e interpretação semântica, lembre-se, também, dos comentários a respeito das orações (10) (a) e (b), abaixo repetidas:

(10) (a) Pedro acabou o noivado na semana passada.

(b) Pedro acabou com o noivado na semana passada.

As "leituras" registradas privilegiaram, para (a), a interpretação de que se trata do noivado do próprio Pedro, além de suporem uma atitude mais direta desse agente no sentido de pôr término ao seu compromisso. Quanto a (10) (b), conforme visto, foi aventada a possibilidade da interferência de meios indiretos que acarretariam o fim do compromisso.

Retomemos, a seguir, as sentenças:

(14) (a) Chamei Maria inutilmente.

(b) Chamei por Maria inutilmente.

Como se assinalou na seção precedente, a maioria dos entrevistados apontou que, em (14) (a), "Maria" é diretamente afetada/envolvida pela ação de chamar, uma vez que se imagina uma proximidade física entre o falante (representado pelo sujeito da frase) e o ouvinte (representado pelo objeto). De acordo com tais informantes, então, interpreta-se que, em (a), *"Maria ouviu o apelo e não quis atender a ele"*.

Com referência a (14) (b), ao contrário, foi mencionada a interpretação de que o objeto, "Maria", não foi atingido pela ação, já que se pode supor uma distância física entre os participantes do evento. Portanto é possível entender que *"Maria não ouviu o apelo."*

Os dados acima confirmam, desse modo, a expectativa de que a distância formal entre expressões lingüís-

ticas pode indicar, iconicamente, um distanciamento conceptual entre elas.

Além desse aspecto da distância entre constituintes, uma outra dimensão da iconicidade, comprovada empiricamente por estruturas com posvêrbio, refere-se à correlação entre maior "volume" fonético/intensificação do significado. Essa dimensão pode ser exemplificada pe las seguintes orações:

(13) (a) Esperei o advogado em vão.

(b) Esperei pelo advogado em vão.

Recorde-se que, dentre os comentários registrados com relação a essas sentenças, muitos assinalaram que, em (13) (b), a presença do posvêrbio acarreta a sugestão de uma espera mais longa que em (13) (a), o que confirma o aspecto da iconicidade acima referido.

Em síntese, nesta seção, procurei apresentar os fatos recorrentes na análise contrastiva das orações com e sem posvêrbio e explicitar os princípios gerais que governam as diferenças entre essas sentenças, no que se refere a inter-relação sintaxe/semântica.